

Texto 1

Você é um estudante universitário que participará de um **concurso de resenhas**, promovido pelo Centro de Apoio ao Estudante (CAE), órgão que desenvolve atividades culturais em sua Faculdade. Esse concurso tem o objetivo de **estimular a leitura** de obras literárias e **ampliar o horizonte cultural** dos estudantes. A **resenha** será lida por uma **comissão julgadora** que deverá selecionar os dez melhores textos, a serem publicados. Você escolheu resenhar a fábula de La Fontaine transcrita abaixo. Em seu texto, você deverá incluir:

- a) uma síntese da fábula, indicando os seus elementos constitutivos;
- b) a construção de uma situação social análoga aos fatos narrados, que envolva um problema coletivo;
- c) um fechamento, estabelecendo relações com a temática do texto original.

Seu texto deverá ser escrito em linguagem formal, deverá indicar **o título da obra** e ser assinado com um **pseudônimo**.

A Deliberação Tomada pelos Ratos

Rodilardo, gato voraz,
aprontou entre os ratos tal matança,
que deu cabo de sua paz,
de tantos que matava e guardava na pança.

Os poucos que sobraram não se aventuravam
a sair dos buracos: mal se alimentavam.

Para eles, Rodilardo era mais que um gato:
era o próprio Satã, de fato.

Um dia em que, pelos telhados,
foi o galante namorar,
aproveitando a trégua, os ratos, assustados,
resolveram confabular

e discutir um modo de solucionar
esse grave problema. O decano, prudente,
definiu a questão: simples falta de aviso,
já que o gato chegava, solerte. Era urgente
amarrar-lhe ao pescoço um guizo,
concluiu o decano, rato de juízo.

Acharam a ideia excelente,
e aplaudiram seu autor. Restava, todavia,
um pequeno detalhe a ser solucionado:

quem prenderia o guizo – e qual se atreveria?
Um se esquivou, dizendo estar muito ocupado;
Outro alegou que andava um tanto destreinado
em dar laços e nós. E a bela ideia
teve triste final. Muita assembleia, ao fim nada decide –
[mesmo sendo de frades
ou de veneráveis abades ...

Deliberar, deliberar ...
conselheiros, existem vários;
mas quando é para executar,
onde estarão os voluntários?

(*Fábulas de La Fontaine*. Tradução de Milton Amado e Eugênia Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003. p. 134-136.)

Glossário

Abade: superior de ordem religiosa que dirige uma abadia.

Frade: indivíduo pertencente a ordem religiosa cujos membros seguem uma regra de vida e vivem separados do mundo secular.

Decano: o membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia, corporação, etc.

Guizo: pequena esfera de metal com bolinhas em seu interior que, quando sacudida, produz um som tilintante.

Solerte: engenhoso, esperto, sagaz, artiloso, arguto, astucioso.

Texto 2

Você está participando de um curso sobre o livro *O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*, de autoria do neurocientista António Damásio. Uma das avaliações do curso consiste na produção de um texto de divulgação científica a ser publicado em um *blog* do curso. O objetivo do seu texto será o de divulgar as ideias do autor para um público mais amplo, especialmente para alunos do ensino médio. Você deverá escrever o seu texto **sobre o tema da indução das emoções, baseado no excerto abaixo**, incluindo:

- a) uma explicação sobre indutores de emoção com exemplos do próprio texto;
- b) uma breve narrativa que exemplifique processos de indução de emoções;
- c) uma finalização baseada no fechamento do texto original.

Lembre-se de que o **texto de divulgação científica** deverá ter **um título** adequado aos conteúdos tratados.

O induzir das emoções

As emoções acontecem em dois tipos de circunstâncias. O primeiro tipo de circunstâncias tem lugar quando o organismo processa determinados objetos ou situações através de um dos seus dispositivos sensoriais, por exemplo, quando o organismo avista um rosto ou um local familiar. O segundo tipo de circunstâncias tem lugar quando a mente de um organismo recorda certos objetos e situações e os representa, como imagens, no processo do pensamento, por exemplo, a recordação do rosto de uma amiga ou o fato de esta ter acabado de falecer.

Um fato que se torna óbvio ao considerarmos as emoções é que certas espécies de objetos ou acontecimentos tendem a estar mais sistematicamente ligadas a determinado tipo de emoção que a outros. As classes de estímulos que provocam alegria, medo ou tristeza tendem a fazê-lo de forma consistente no mesmo indivíduo e em indivíduos que compartilham os mesmos antecedentes culturais. Apesar de todas as possíveis variações na expressão de uma emoção, e apesar do fato de podermos ter emoções mistas, existe uma correspondência aproximada entre classes de indutores de emoção e o resultante estado emocional. Ao longo da evolução, os organismos adquiriram os meios para responder a determinados estímulos – sobretudo aos que são potencialmente úteis ou perigosos sob o ponto de vista da sobrevivência – através de um conjunto de respostas a que chamamos emoção.

Também é importante notar que enquanto o mecanismo biológico das emoções é largamente predeterminado, os indutores de emoção são externos e não fazem parte desse mecanismo. Os estímulos que causam a emoção não se encontram, de modo algum, confinados aos que ajudaram a formar nosso cérebro emocional ao longo da evolução e que podem induzir emoção desde os primeiros dias de vida. À medida que se desenvolvem e interagem, os organismos ganham experiência factual e emocional com diversos objetos e situações do ambiente, tendo assim uma oportunidade de associar muitos objetos e situações que poderiam ter permanecido emocionalmente neutros, com os objetos e as situações que causam emoções naturalmente. A forma de aprendizagem conhecida por condicionamento é uma das maneiras de obter esta associação. Uma casa parecida com a que o leitor viveu uma infância feliz pode fazê-lo sentir-se feliz, embora nada de especialmente bom ainda se tenha passado na casa. Do mesmo modo, o rosto de uma belíssima desconhecida, que se assemelha ao de uma pessoa ligada a um acontecimento terrível, pode causar-lhe desconforto ou irritação. Pode até nunca chegar a perceber por quê.

A consequência de concedermos um valor emocional aos objetos que não estavam biologicamente destinados a

receber essa carga emocional é tornar infinita a lista de estímulos que, potencialmente, podem induzir emoções. De uma forma ou de outra, a maior parte dos objetos e das situações conduzem a alguma reação emocional, embora uns em maior escala que outros. A reação emocional pode ser fraca ou forte – e, felizmente para nós, é fraca na maior parte das vezes – mas mesmo assim está sempre presente. A emoção e o mecanismo biológico que lhe é subjacente são os companheiros obrigatórios do comportamento, consciente ou não. Um certo grau de emoção acompanha, forçosamente, o pensamento sobre nós mesmos ou sobre o que nos rodeia.

(Adaptado de António Damásio. *O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, p 79-81.)

Comentário à proposta de Redação

Texto 1

O candidato deveria colocar-se no lugar de um estudante universitário que participaria de um concurso de resenhas promovido por um órgão pertencente à Faculdade. Tendo em vista a finalidade do concurso – estimular a leitura de obras literárias e ampliar o horizonte cultural dos universitários –, o estudante deveria redigir uma resenha de uma fábula do escritor La Fontaine e submeter seu trabalho a uma comissão julgadora, incumbida de selecionar os dez melhores textos. Da resenha, deveriam constar:

- a) Uma síntese da fábula, que contivesse seus elementos constitutivos (enredo, personagens, tempo, espaço, ensino moral);
- b) A construção de uma situação social semelhante aos fatos narrados. Nesse caso caberia, por exemplo, apontar a ausência de ação efetiva por parte de cidadãos que se manifestariam contra um ou outro político, mas não iriam além do protesto, alegando estarem “ocupados” ou “destreinados”.
- c) Um fechamento que estabelecesse relações com a temática da fábula (deliberação tomada pelos ratos para se prevenirem contra o gato).

Outras exigências da Banca Examinadora consistiriam no uso de linguagem formal, na indicação do título da obra e na assinatura do estudante, que deveria adotar um pseudônimo.

Texto 2

O candidato deveria colocar-se na posição de alguém que, ao participar de um curso sobre o livro *O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*, do neurocientista António Damásio, precisaria produzir um texto de divulgação científica, a ser publicado em um *blog* do curso, sobre o tema da indução das emoções. O objetivo desse texto seria divulgar as ideias de Damásio para um público mais amplo, sobretudo aquele formado por alunos do ensino médio. Do texto, deveriam constar:

- a) Uma explicação, baseada em exemplos do excerto apresentado, sobre indutores de emoção. De acordo com o excerto, tais indutores seriam externos, ou seja, ganhariam experiência emocional com dois tipos de circunstâncias. O primeiro tipo teria lugar quando o organismo avistasse um rosto ou um local familiar; já o segundo, quando a mente se recordasse de certos objetos e os representasse como imagens;
- b) Uma breve narrativa exemplificando processos de indução de emoções. Um local parecido com um lugar onde vivemos uma época feliz, por exemplo, poderia levar-nos a experimentar o mesmo sentimento de felicidade de outrora. Em outra circunstância, uma pessoa desconhecida, ainda que dotada de uma bela aparência, talvez nos lembrasse alguém ligado a um acontecimento traumático, o que poderia deixar-nos desconfortáveis ou irritados, mesmo sem saber a causa dessa sensação.
- c) Uma finalização baseada no fechamento do excerto. Nesse caso, caberia concluir o texto reconhecendo a onipresença das reações emocionais, que, independentemente de serem fracas ou fortes, acompanhariam o pensamento sobre nós mesmos ou sobre aquilo que estivesse à nossa volta. O candidato deveria criar um título adequado aos conteúdos abordados em seu texto.

Em ensaio publicado em 2002, Nicolau Sevcenko discute sobre a repercussão da obra de Euclides da Cunha no pensamento político nacional.

“Acima de tudo Euclides exaltava o papel crucial do agenciamento histórico da população brasileira. Sua maior aposta para o futuro do país era a educação em massa das camadas subalternas, qualificando as gentes para assumir em suas próprias mãos seu destino e o do Brasil. Por isso se viu em conflito direto com as autoridades republicanas, da mesma forma como outrora lutara contra os tiranetes da monarquia. Nunca haveria democracia digna desse nome enquanto prevalecesse o ambiente mesquinho e corrupto da ‘república dos medíocres’ (...). Gente incapaz e indisposta a romper com as mazelas deixadas pelo latifúndio, pela escravidão e pela exploração predatória da terra e do povo.

(...) Euclides expôs a mistificação republicana de uma 'ordem' excludente e um 'progresso' comprometido com o legado mais abominável do passado. Sua morte precoce foi um alívio para os césaes. A história, porém, orgulhosa de quem a resgatou, não deixa que sua voz se cale.”

(Nicolau Sevcenko, O outono dos césaes e a primavera da história
Revista da USP, São Paulo, n. 54, p. 30-37, jun-ago 2002.)

- a) No último período do texto, há uma ocorrência do conectivo “porém”. Que argumentos do texto são articulados por esse conectivo?
- b) Apresente o argumento que embasa a posição atribuída a Euclides da Cunha em relação ao lema da Bandeira Nacional.

Resolução

- a) O conectivo *porém* refere-se ao resgate, pela história contemporânea, dos ideais de Euclides da Cunha, contrários aos interesses oligárquicos. Segundo Sevcenko, Euclides defendia o protagonismo da população brasileira, a ser alcançado pela educação massiva das “camadas subalternas”, que as capacitaria a atuar como agente de mudança, tanto do próprio destino quanto dos rumos da nação.
- b) O argumento que embasa a posição de Euclides da Cunha vai ao encontro da frase que está na bandeira brasileira: “ordem e progresso.” A obra *Os Sertões* (1897) mostra a fraude do novo regime, o republicano, traidor dos ideais positivistas e de uma nova estrutura político-econômica, pois não houve ordem nem progresso na República instaurada, que foi oligárquica, excludente, “comprometida com o legado mais abominável do passado”. A República revelou-se, assim, hipócrita, uma vez que não honrou o lema da bandeira.

O poema abaixo é de autoria de Manoel de Barros e foi publicado no *Livro sobre nada*, de 1996.

“A ciência pode classificar e nomear todos os órgãos de um sabiá mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam”.

(Manoel de Barros. *Livro sobre nada*.
Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 53.)

- a) No poema há uma estrutura típica de provérbios com uma finalidade crítica. Aponte duas características dessa estrutura.
- b) Considerando que o poeta joga com os sentidos do verbo “adivinhar” e da sua raiz latina *divinare*, justifique o neologismo usado no último verso.

Resolução

- a) O verso do poema que apresenta a estrutura de um provérbio é o terceiro: “Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare”. Daí formar-se por frase curta, sintética e sugestiva, com verbos no presente do indicativo (presente atemporal), formulação de um princípio de conduta, além do jogo sonoro, que no caso ocorre na rima interna entre “informação e “condão”. Como outros provérbios, o pronome indefinido “quem” generaliza o receptor, enquanto o conteúdo da mensagem sugere procedimento moral, visto pelo autor como válido para todos: a sensibilidade deve sobrepor-se à racionalidade.
- b) Manuel de Barros cria o neologismo “divinam” a partir do verbo *adivinhar* e de sua raiz latina “divinare”. A forma verbal “divinare”, conferida aos sabiás, reúne o sentido de *adivinha* ao significado de *divino*, cujo campo semântico evidencia “dom, virtude especial”, ideia já sugerida em “encantos” e “condão”. Assim, o poeta reconhece no sabiá encantos inexplicáveis pela ciência.

No livro *Veneno Remédio – o futebol e o Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 14), o músico, compositor e ensaísta José Miguel Wisnik afirma que o futebol se tornou uma espécie de “língua geral”, válida para todos, que põe “em contato as populações de todos os continentes”. Leia a seguir dois trechos em que o autor explora essa analogia:

“(…) Nada nos impede de dizer que os lances criativos mais surpreendentes não dispensam a prosa corrente do ‘arroz-com-feijão’ do jogo, necessário a toda partida. Ou de constatar, na literatura como no futebol, que a ‘prosa’ pode ser bela, íntegra, articulada e fluente, ou burocrática e anódina, e a ‘poesia’, imprevista, fulgurante e eficaz, ou firula retórica sem nervo e sem alvo.

(…) o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos, e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo. A sua narratividade aberta às diferenças terá relação, muito possivelmente, com o fato de ter se tornado o esporte mais jogado no mundo, como um modelo racional e universalmente acessível que fosse guiado por uma ampla margem de diversidade interna, capaz de absorver e expressar culturas.”

- a) O autor vê o futebol como formas de “prosa” e de “poesia”. Embora ambas as formas sejam consideradas necessárias, cada uma tem um lado negativo. Indique-os.
- b) Apresente dois argumentos por meio dos quais o autor justifica sua afirmação de que o futebol é uma espécie de “língua geral”.

Resolução

- a) Segundo José Miguel Wisnik, o lado negativo da “prosa” futebolística vincula-se ao emprego de uma linguagem “burocrática e anódina” (sem importância) das narrações repetitivas e vazias. O elemento negativo da “poesia” associa-se, nos narradores de futebol, à “firula retórica sem nervo e sem alvo”, uma vez que muito se fala, mas quase nada de significativo é dito.
- b) O futebol é, segundo o texto, “o esporte mais jogado no mundo”, porque é uma forma de “língua geral”, que apresenta “um modelo racional e universalmente acessível” e, também, “capaz de absorver e expressar culturas”.

“(…) E, páginas adiante, o padre se portou ainda mais excelentemente, porque era mesmo uma brava criatura. Tanto assim, que, na despedida, insistiu:

– Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.”

(João Guimarães Rosa, *A hora e a vez* de Augusto Matraga, em *Sagarana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001, p. 380.)

“(…) Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento.

Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrando, sumido:

– Põe a bênção na minha filha, seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!

Depois morreu.”

(Idem, p. 413.)

- a) O segundo excerto, de certo modo, confirma os ditos do padre apresentados no primeiro. Contudo, “a hora e a vez” do protagonista não são asseguradas, segundo a narrativa, pela reza e pelo trabalho. O que lhe garantiu ter “a sua hora e a sua vez”?
- b) “A hora e a vez” de Nhô Augusto relacionam-se aos encontros que ele tem com outro personagem, Joãozinho Bem-Bem, em dois momentos da narrativa. Em cada um desses momentos, Nhô Augusto precisa realizar uma escolha. Indique quais são essas escolhas que importam para o processo de transformação do personagem protagonista.

Resolução

- a) **Nhô Augusto encontra sua “hora e vez”, o destino que buscava, no momento em que libera sua índole violenta, que por anos havia reprimido em nome da salvação de sua alma. A mudança de atitude se dá em defesa dos desprotegidos. Dessa forma, a redenção ocorre não por uma ascese obtida por meio de misticismo explícito, mas pela sua ação como homem, motivada por uma questão que engloba fé religiosa, honra e violência.**
- b) **Já no primeiro encontro de Augusto Matraga com Joãozinho Bem-Bem, ocorre uma simpatia mútua (“nossos anjos-da-guarda combinaram”) que se manterá pelo resto da narrativa. É por causa dessa harmonia de almas que Joãozinho se oferece para praticar qualquer vingança em nome de Nhô Augusto. Apesar de o protagonista ainda sentir ódio de Ovídio Moura e Major Consilva, que lhe haviam usurpado respectivamente esposa e**

posses, recusa a oferta. Pouco depois, Augusto Esteves é convidado a integrar o bando de Bem-Bem. A rejeição a essas duas propostas foi dolorosa e humilhante, porque contrariava seu espírito belicoso, o que contribuiu para a expiação das culpas do protagonista.

No segundo encontro, Nhô Augusto mais uma vez não aceita o convite para “se amadrinhar” o bando de Joãozinho. Por fim, em nome de um senso de justiça que, como personagem amadurecida, já carrega introjetado, prefere ficar do lado dos desprotegidos e desconhecidos a apoiar seu amigo poderoso, o chefe jagunço Joãozinho Bem-Bem.

Dessa forma, as opções de Matraga constituem estágios para o desenvolvimento de sua “homênia”, de sua honra, e conseqüente redenção.

Leia o soneto abaixo, de Luís de Camões:

“Cá nesta Babilônia, donde mana
matéria a quanto mal o mundo cria;
cá donde o puro Amor não tem valia,
que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

cá, onde o mal se afina e o bem se dana,
e pode mais que a honra a tirania;
cá, onde a errada e cega Monarquia
cuida que um nome vão a desengana;

cá, neste labirinto, onde a nobreza,
com esforço e saber pedindo vão
às portas da cobiça e da vileza;

cá neste escuro caos de confusão,
cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!”

(Disponível em

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>.

Acessado em 08/09/2015.)

- a) Uma oposição espacial configura o tema e o significado desse poema de Camões. Identifique essa oposição, indicando o seu significado para o conjunto dos versos.
- b) Identifique nos tercetos duas expressões que contemplam a noção de desconcerto, fundamental para a compreensão do tema do soneto e da lírica camoniana.

Resolução

- a) **Há oposição espacial e de sentido entre Babilônia e Sião. Babilônia, o local onde o eu lírico se encontra (“Cá nesta Babilônia donde mana /matéria e quanto mal o mundo cria”) refere-se à passagem bíblica que relata o exílio e a escravidão dos judeus.**

No contexto do poema, simboliza o mal, o mundo materialista, profanado, vil. Sião, o local sublime, é também passagem bíblica do Velho Testamento. É a terra prometida, a Jerusalém celestial. No contexto do poema, metaforiza o mundo ideal, nobre, sublime.

Frise-se que o eu lírico, situado no mundo inferior, Babilônia, aspira ao mundo ideal, Sião. Esse soneto, estruturado numa alegoria bíblica, retoma conflito central da poesia camoniana: a oposição do mundo platônico, ideal, do conhecimento, ao do mundo inferior, o da realidade sensorial, inferior.

- b) **O tema do poema é o desconcerto do mundo. Nos tercetos, as expressões “labirinto” e “caos” remetem ao mundo sombrio, sensorial, decadente, cujos valores de toda a ordem são aviltados.**

“(…) Eram boas cinco horas da tarde quando desembarcamos no Terreiro do Paço.

Assim terminou a minha viagem a Santarém; e assim termina este livro.

Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens porém fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra.

Se assim pensares, leitor benévolo, quem sabe? pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar.

Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar. Escusada é a jura, porém.

Se as estradas fossem de papel, fá-las-iam, não digo que não. Mas de metal!

Que tenha o governo juízo, que as faça de pedra, que pode, e viajaremos com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra.”

(Almeida Garret. *Viagens na Minha Terra*. Cotia. SP: Ateliê Editorial, 2012, p. 316.)

- a) Considerando a crítica ao contexto histórico e político de Portugal, o que significam as referências às possíveis estradas de papel, de metal e de pedra?
- b) Utilizando elementos do enredo, identifique e descreva o personagem do romance que centraliza a crítica à hipocrisia ideológica e política de Portugal, expressa no excerto acima de maneira irônica.

Resolução

- a) A estrada de “papel” relaciona-se à literatura por meio da qual é possível perpetuar a história de Portugal e seus mitos, meio empregado por Almeida Garrett para empreender uma viagem na terra lusa, refletindo sobre a situação política, econômica e social do país. Os “caminhos de ferro” referem-se às estradas que seriam construídas no país, à custa da dependência econômica, principalmente inglesa, a pretexto da modernização. Garrett questiona o porquê de não se empregar um material nacional como o é a pedra, que perpetuaria as tradições portuguesas, representando a base sólida da identidade nacional. Garrett estima Santarém porque é um “livro de pedra”.
- b) A crítica refere-se ao personagem Carlos, que a princípio é liberal e luta por seus ideais na Guerra Civil Portuguesa (1832-1834) para derrotar o absolutismo. Posteriormente, Carlos abandona qualquer ideal, revela descrença e apego ao elemento material. Essa nova postura é metaforizada pela palavra Barão, “o homem rico, abastado”, causador da miséria.